

(IN)SEGURANÇA PÚBLICA: REPORTAGEM ESPECIAL

# Indígenas dividem rios com traficantes e invasores em viagem de 'peque-peque'

*A peregrinação nas pequenas canoas motorizadas chega a durar mais de quatro dias em busca de assistência básica*

VINÍCIUS VALFRE

A viagem pelas curvas dos Rios Itui, Itaquai e Javari, na Amazônia, é cada vez mais perigosa para quem nasceu nestas margens. Traficantes de drogas e de armas, pescadores ilegais, caçadores e garimpeiros usam as mesmas calhas pelas quais indígenas descem com famílias inteiras dentro de peque-peques. A peregrinação a bordo das pequenas canoas motorizadas chega a durar mais de quatro dias.

Foi exatamente por este caminho que o indigenista Bruno Pereira e o jornalista Dom Phillips foram interceptados e assassinados em junho de 2022. Pereira tinha um histórico de serviços em defesa dos povos do Javari e a atuação dele passou a incomodar grupos criminosos que exploram a região. Apesar da comção geral, pouca coisa mudou de lá para cá. As ameaças continuam. Na semana passada, indígenas denunciaram a circulação dentro de um corredor na mata utilizado por grupos que vivem em isolamento. A área invadida é rica em canamã – os nutrientes que fazem dela um santuário para uma variedade de animais buscados por invasores e necessários à dieta de subsistência dos nativos.

O destino dos indígenas que partem das florestas do oeste do Amazonas por essa rota é o cais do município de Atalaia do Norte (AM), o primeiro centro urbano fora da terra indígena. Na margem da cidade, kanamaris, mayorunas e matises do Javari se aglomeram em condição de miséria dentro das canoas cobertas com lona ou sob barracões abandonados. Por ali permanecem por três, quatro ou cinco meses. A migração, em tese, é provisória. Dura o tempo da espera pelo atendimento médico que não existe na aldeia, o de conseguir acessar benefícios sociais como o Bolsa Família ou o de receber por serviços prestados à Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai).

**A PRECARIIDADE E O CENSO 2022.** Enquanto se desvencilham da burocracia dos brancos depois da longa viagem de barco, viram dependentes de cestas básicas e ficam à mercê



WILTON JUNIOR / ESTADÃO

wsmur

**Luiz e Sônia Kanamari, da Aldeia Bananeira, atracam a canoa que aloja 11 pessoas: 'Vimos pegar um dinheirinho, a pensão, os benefícios'**

da violência e das sedução da cidade, como o álcool, e de comerciantes mafiosos que retem cartões de benefícios sociais de indígenas. A situação rendeu um inquérito atualmente em tramitação no Ministério Público Federal.

Esse fluxo migratório permanente e os riscos enfrentados por comunidades vulneráveis sintetizam a deficiência da prestação de serviço a cidadãos que vivem nos extremos do País e a pressão do crime organizado em uma área de infinitas riquezas naturais. Com efeito, agravam problemas sociais na pequena cidade da triplíce fronteira do Brasil com a Colômbia e com o Peru.

A precariedade no atendimento escolar e sanitário força os deslocamentos precários. A polícia local não tem estrutura para enfrentar os pequenos e grandes traficantes de drogas, nacionais e estrangeiros, que atuam por dentro das matas e até na praça central de Atalaia. Do outro lado do rio que margeia a cidade, já território peruano, lavouras de coca podem ser encontradas em meia hora de viagem, contam policiais e agentes da Funai.

As consequências do descalço e da violência nessa parte remota do Brasil podem ter começado a aparecer na numeração oficial. Dados do Censo 2022 apontam uma queda no número de habitantes do Vale do Javari. Agora são 5,598, ante 6,978 na medição de 2010. É

uma redução de 19,7%, significativa sobretudo por se tratar de uma das áreas mais preservadas da Amazônia e onde está a maior concentração de povos isolados do mundo. Na cidade, os números também indicam um fenômeno em curso. Ao longo dos 12 últimos anos, Atalaia do Norte manteve seus cerca de 15 mil habitantes, também um sinal de encolhimento populacional do município que é o primeiro porto fora da terra indígena, no lado brasileiro.

**A rota  
O destino dos que partem das florestas do oeste por essa rota é o cais de Atalaia do Norte (AM)**

Desde o assassinato de Bruno e Dom, lideranças locais são unânimes em apontar que quase nada mudou em relação à estrutura oferecida na região para proteger os indígenas e para derrubar o crime organizado que se beneficia da ausência do Estado – e, cada vez mais, da ausência dos próprios indígenas. Os números são vistos como indícios de um movimento migratório de esvaziamento, mas com exatidão questionada por gestores dos municípios afastados dos grandes centros. As dificuldades de acesso e a pouca estrutura dos recenseadores, na visão de prefeitos e secretários, não detectaram com precisão os fenôme-

nos dentro de áreas como a do Javari, do tamanho de Portugal. Além disso, ainda existe um número indefinido de indígenas isolados na região sobre os quais ainda pouco se sabe.

**AVIDA NO 'PEQUE-PEQUE'.** Luiz e Sônia Kanamari, da Aldeia Bananeira, atracaram a canoa que aloja 11 pessoas há três semanas. Entre os seis filhos, Aurora, recém-nascida. A maioria entende o português, mas nem todos conseguem se expressar na língua neolatina. "Vimos pegar um dinheirinho, a pensão da mãe, os benefícios, e comprar açúcar, sabão e sal. Depois, colocar gasolina e subir. A sobrinha doceceu, está com anemia. Mas agora está bem, está gorda", contou Luiz. A viagem de volta leva seis dias. A depender da aldeia, pode durar dez ou mais.

No período em que vivem em Atalaia, os indígenas de aldeias do Vale do Javari ficam em vulnerabilidade extrema. Não têm água limpa nem onde preparar alimentos de forma adequada. O tamanho e o conteúdo das panelas são incompatíveis com a quantidade de bocas. Doações de botijas de gás e insumos básicos, como pão e arroz, enganam a insegurança alimentar das famílias com pessoas de todas as idades, de idosos a crianças magras de barrigas salientes. É comum que crianças terminem com infecções graves ou mesmo padeçam.

Atalaia do Norte não tem

uma agência da Caixa. Quem não possui o cartão que permite os saques na lotérica da cidade precisa ir ainda mais longe, até Tabatinga, principal cidade da região e uma das mais violentas do interior do Amazonas. A falta de tradutores no banco capazes de atender membros de todas as sete etnias conhecidas do Javari é um dificultador. A burocracia é mais complicada para quem não entende bem a papelada exigida nem pode ser atendido no idioma nativo.

Por outro lado, ter a documentação completa e o cartão do programa social não é garantia de facilidades. Alguns comerciantes locais travam os cartões de benefícios sociais de indígenas e viram os únicos vendedores, a preços inflacionados. O esquema do comércio foi citado pela primeira vez em relatório à polícia elaborado pelo indigenista Bruno Pereira. Além de serem vítimas de uma variedade de violências, os indígenas ficam expostos ao assistencialismo. O poder público não leva os serviços administrativos até as aldeias e todos os anos centenas de indígenas precisam viver temporadas nas cidades. As doações da prefeitura são garantidas aos mesmos assistidos que se tornam eleitores nas disputas municipais.

**ÁLCOOLE RELIGIÃO.** O alcoolismo é outra face visível desse exodo. A atração pelas igrejas evangélicas, mais uma. Sem au-

PRÉSTIMO AO CENSO 2022  
PRESTIMANDO O CENSO 2022  
COMUNIDADE INDÍGENA DO VALE DO JAVARI

pressreader